A grande comissão: vamos vê-la de novo!



Valdir Steuernagel

Dizem por aí... que há multidões em nosso próprio país e dentro da nossa área imediata de ação que são tão ignorantes do Evangelho quanto os aborígenes do Pacífico Sul. Portanto, dizem, nós temos trabalho suficiente em casa, sem precisarmos ir a outros países. Que há em nossa própria terra milhares que estão o mais distante possível de Deus, eu admito. Também é um fato que esta realidade deveria nos desafiar a sermos dez vezes mais diligentes no nosso trabalho, procurando divulgar o conhecimento de Deus entre eles. Mas dizer que, por causa disto, todas as tentativas de divulgar o Evangelho em outras terras deviam ser abandonadas carece de provas.

A igreja em evangelização é tarefa de cada geração

Quando William Carey (1761-1834) apresentou a um grupo de pastores, na Inglaterra do século XVIII, as suas idéias acerca da missão da igreja, disseram-lhe: “Jovem, sente-se. Quando Deus quiser converter os pagãos, ele o fará sem a sua ajuda ou a minha”.

Mas William Carey não era de ficar sentado. A visão que crescia dentro dele acerca da tarefa evangelizadora não lhe permitia sossegar. Quando em 1792 ele publicou o seu (hoje) clássico panfleto titulado “Um estudo acerca das obrigações dos cristãos quanto ao uso de meios para converter os pagãos”, alguns ouvidos começaram a se sensibilizar. Como conseqüência, foi fundada a pequena e tímida Sociedade Missionária Batista, com o objetivo de evangelizar o mundo.

Carey, que era sapateiro e pastor, foi um dos primeiros frutos de sua própria visão missionária, e por quarenta anos ininterruptos viveu como missionário na Índia, onde faleceu. A marca da vocação prática e do discurso missionário de Carey foi muito além de seu espaço geográfico de atuação transcultural, e não é sem mérito que ele veio a ser chamado de “Pai das Missões Modernas”. O impacto de sua vida ainda hoje é uma fonte de inspiração para muitas pessoas; o seu lema continua a desafiar novas gerações de obreiros transculturais: “Espere grandes coisas de Deus; arrisque grandes coisas para Deus”.

Doutor em missiologia, **Valdir Steuernagel** *foi presidente da Visão Mundial e da Fraternidade Teológica Latino-Americana. E pastor Luterano.*

A historiadora Ruth Tucker sintetiza o impacto missionário e missiológico de Carey da seguinte forma:

> *Carey morreu em 1834, não sem antes deixar a sua marca na Índia e nas missões de todos os tempos. Sua influência naquele país ultrapassou seus empreendimentos lingüísticos impressionantes, suas instituições educacionais e os seguidores cristãos que pastoreava. Ele causou também notável impacto sobre práticas indianas nocivas através de sua luta contra a queima de viúvas e o infanticídio. Mesmo assim, em outros aspectos, procurou deixar a cultura local intacta. Carey era avançado para o seu tempo quanto à metodologia missionária. Ele mostrava um respeito reverente pela cultura hindu e jamais tentou importar substitutos ocidentais, como procuraram fazer tantos missionários que vieram depois dele. Seu objetivo era fundar uma igreja nativa através de "pregadores locais", fornecendo as Escrituras na língua do povo, e foi a essa finalidade que dedicou sua vida.*

Uma das grandes contribuições de Carey foi tentar acordar a Igreja de seus dias para a necessidade da evangelização mundial. Já antes dele, principalmente através dos irmãos morávios, o Protestantismo havia ensaiado alguns passos na dança missionária, mas estava muito longe de ocupar todo o espaço desse salão de baile que promove a vida. A própria Reforma não havia abraçado como sua a tarefa missionária da Igreja e até aos dias de Carey ainda não se vivia sob o signo de uma compreensão da missão que envidasse esforços missionários além dos muros da cristandade já estabelecida. O próprio Carey lutou contra este conceito no seu já mencionado panfleto, após lamentar que a tarefa de levar o Evangelho até aos confins da terra não havia sido abraçada com zelo "nos últimos anos":

> *Até parece que muitos pensam que a [grande] comissão foi suficientemente posta em prática através dos apóstolos e outros, [a tal ponto] que nós já temos o suficiente para fazer na busca da salvação dos nossos compatriotas; e que, se Deus quiser salvar os pagãos, ele irá, de um jeito ou de outro, trazê-los para o Evangelho ou levar o Evangelho até eles.*

Outra resistência à obra missionária, segundo Carey, é o argumento de que devido ao ministério excepcional e à peculiaridade e unicidade do mandato ministerial dos apóstolos não é automático concluir que o mandato da evangelização mundial seja extensivo às gerações futuras. Porém, se o mandato para a evangelização mundial fosse dirigido somente aos apóstolos, argumenta Carey, então o mesmo deveria dizer-se da ordenança quanto ao batismo, o que obviamente não é o caso. Segundo Carey, é preciso insistir na evangelização e usar as portas que se abrem para o cumprimento desse mandato: "A misericórdia, a atitude humanitária, e, sobretudo, o cristianismo, nos convocam, em alto e bom som, a fazermos todo o esforço possível para apresentar o Evangelho [aos pagãos]".

A luta de Carey para fazer com que a igreja do seu tempo acor-

dasse para a sua tarefa evangelizadora em âmbito universal mantém sua atualidade: a) a própria igreja precisa, sempre, ser desafiada para a tarefa da evangelização; b) a Grande Comissão não caduca e a tarefa missionária nunca termina, precisando ser abraçadas de maneira nova por cada geração; c) as grandes instituições religiosas têm uma tendência inata de voltar-se para dentro de seu próprio universo e de suas necessidades, perdendo de vista o caráter da universalidade imanente à sua própria vocação eclesiológica; d) o despertar missionário surge, vez após vez, como uma iniciativa da periferia dos centros decisórios, ou, como dizia Gustavo Warneck, dos "silenciosos da terra" – até poderíamos dizer, dos "sapateiros" da vida...

É por tudo isto que queremos convidar o leitor para um novo diálogo com a Grande Comissão dada por Jesus à sua Igreja—porque é de perene relevância, seja para os dias de Carey, seja para os nossos dias.

Mateus 28.16-20: É preciso ler de novo!

Os últimos versos de Mateus 28 constituem, de fato, sob vários aspectos, um resumo do Evangelho.

Um amigo meu, já falecido, compartilhou sua experiência com um jovem de origem petencostal que veio bater à porta de sua casa e que, em resposta à pergunta por um versículo bíblico, lhe respondeu com a Grande Comissão segundo o Evangelho de Marcos, onde sinais e milagres são parte integrante do mandato da evangelização. Era uma resposta adequada para um pentencostal, mas na boca de um evangélico histórico seria prazerosamente substituída pela Grande Comissão segundo o Evangelho de Mateus.

A Grande Comissão segundo o Evangelho de Mateus tem-se tornado uma espécie de palavra de ordem de importantes segmentos do movimento *evangelical* moderno. Esta acaba sendo, por vezes, uma leitura bastante seletiva da Grande Comissão, na qual se abraça com mais carinho o versículo 19 – especialmente o assim chamado "Ide e Fazei discípulos" – do que os outros versículos dessa mesma comissão:

> *Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos (Mt. 28:18-20).*

A Grande Comissão não apenas não deve ser dissecada segundo prioridades que não lhe sejam próprias, como, ainda, não é um texto solitário que possa ser trabalhado à revelia dos demais. O texto ganha em relevância quando lido e interpretado no contexto dos versículos que lhe fazem companhia e quando é interpretado no contexto da totalidade do Evangelho de Mateus. David Bosch dizia que é preciso ler a perícope conclusiva de Mateus à luz de todo o seu Evangelho:

> *Os últimos versos de Mateus 28 constituem, de fato, sob vários aspectos, um resumo do Evangelho. Vários dos temas que têm um papel importante através de todo o Evangelho são reiterados pela última vez: a comunidade dos discípulos, a Galiléia, a montanha, a dúvida dos discípulos e a sua adoração a Jesus. Mais especificamente, a perícope final poderia*

ser considerada como um paralelo à história da tentação de Jesus (Mt. 4:1-11), que antecedeu o seu ministério público. Estas duas passagens antitéticas moldam todo o ministério de Jesus e apontam, respectivamente, para uma interpretação falsa e uma interpretação correta da missão do Filho de Deus.

O final do Evangelho de Mateus, que cresce na sua compreensão da tarefa missionária —da "casa de Israel" para "todas as nações"— é rico na sua integração da experiência ministerial do Jesus histórico com a ordem missionária do Jesus ressuscitado. Era na Galiléia (por excelência, o lugar do ministério e da aceitação de Jesus) que os mesmos discípulos —com exceção de Judas Iscariotes— deviam encontrar aquele que de forma simples continuava sendo chamado apenas de Jesus. Seria no monte (em Mateus, lugar de revelação) que tal encontro se materializaria. E, não por último, os discípulos vieram a este encontro oscilando entre a dúvida e a adoração, o que não era a primeira vez.

Segundo Bosch, a palavra "adorar" (prostrar-se) ocorre treze vezes no Evangelho de Mateus e apenas duas vezes em Marcos e Lucas. Ademais, indica uma relação de submissão e adoração a Deus somente, conforme expressa por Jesus na sua resposta ao tentador em Mateus 4:10: "Então Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto". Tanto em Mateus 14:33 como em Mateus 28:17, quando os discípulos adoram o Mestre, o texto adquire um colorido litúrgico que expressa a unidade entre Deus e Jesus, o qual passa a ser, igualmente, objeto de adoração. É quase estranho, no entanto, que a palavra "adoração" venha acompanhada da palavra "dúvida", que, como tal, aparece apenas em Mateus. Adoração e dúvida, que já apareceram lado a lado na dramática experiência de Mateus 14:22ss, quando Jesus andou sobre o mar, caracterizam o encontro derradeiro e definitivo entre Jesus e os discípulos: "E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram" (v. 17). Ao colocar adoração e dúvida lado a lado, este texto ganha uma dimensão profundamente humana e realista.

Ao colocar adoração e dúvida lado a lado, este texto ganha uma dimensão profundamente humana e realista.

O grupo de discípulos que vai ao encontro do Jesus ressuscitado é uma pequena comunidade humana, cheia de conflitos e dúvidas. E é desta forma —como uma comunidade que simultaneamente adora e duvida— que os discípulos são recebidos por Jesus. A obediência não necessariamente elimina a dúvida e nem a dúvida dispensa a obediência. É, ainda, a essa comunidade de discípulos que é encomendada a Grande Comissão.

Se, por um lado, essa comissão é conferida como um mandato de confiança, o Evangelho é claro ao afirmar que Jesus é quem detém "toda a autoridade, no céu e na terra". A autoridade ampla e irrestrita de Jesus é a base sobre qual está edificada a Grande Comissão. A afirmação desta autoridade de Jesus não emerge da desconfiança, mas de uma palavra de conforto e esperança: se este Jesus, que acaba de vencer a morte, detém toda a autoridade sobre céus e terra, então é possível arriscar a obediência. A comissão é um convite para uma experiência, agora em caráter universal, integral e escatológico.

A Grande Comissão é um mandato ao discipulado universal que, selado pelo batismo, tem uma base trinitária. Não temos espaço suficiente, no contexto desta análise, para abordar a questão do batismo e sua relação com a evangelização e a base trinitária da missão. É preciso dizer, no entanto, que a evangelização deve produzir igreja (relação *fundamental* entre evangelização e formação de comunidade) e deve estar a serviço do Deus Trino, que é criador, redentor e consumador (relação *profunda* entre criação, redenção e consumação).

Temos de reconhecer que, por vezes, a nossa evangelização tem-se concentrado demasiadamente no indivíduo, numa dimensão vertical de salvação, não estando devidamente atrelada à formação de uma comunidade ao serviço do Deus Trino. A descoberta de que a evangelização, a comunidade dos batizados e o seu serviço aos propósitos do Deus Trino estão inter-relacionados tem enriquecido a nossa caminhada evangelizadora nestas últimas décadas.

Qual é —poder-se-ia perguntar— o segredo ou a ênfase maior desta Grande Comissão, verdadeiro centro nervoso de todo o Evangelho de Mateus? Em primeiro lugar, deve-se atentar para o "portanto" que constrói uma ponte entre os versos 18 e 19. Isto significa que a missão universal é derivada da autoridade universal de Jesus. A Grande Comissão está atrelada e emoldurada pela declaração da autoridade de Jesus e pela promessa da sua presença no seio da Igreja "até à consumação do século" (v. 20). Há, também, um sentido de "totalidade" que não apenas marca a autoridade de Jesus, mas também se estende à tarefa evangelizadora. Observe-se que a palavra "todo" aparece quatro vezes: "Toda autoridade", "todas as nações", "todas as coisas que vos tenho ordenado" e "estou convosco todos os dias". Não é pouca coisa que se promete, mas também não é pouca coisa que se exige daqueles a quem se diz "Ide, portanto".

Este "ide" tem recebido uma ênfase acentuada entre setores do *evangelicalismo* nas últimas décadas, como título e tema de muitos livros. O que devemos perguntar, no entanto, é se é possível isolar o "ide" do seu contexto e construir sobre ele, por exemplo, uma teoria de evangelização com uma forte ênfase na locomoção geográfica. Concordo com Bosch em que o verbo central da Grande Comissão, "fazei discípulos" (no modo imperativo, no original grego), é qualificado pelas expressões "ide", "batizando" e "ensinando" (os quais, no original, são particípios contínuos). Assim, o "ide" não é uma ordem separada que tenha sentido em si mesma, mas dá um matiz de urgência, continuidade e determinação ao imperativo do discipulado, que visa trazer pessoas a Jesus, o Senhor, onde quer que elas estejam. Se esta percepção for correta, batizar e ensinar não são passos dissociados do processo do discipulado, mas, sim, parte integral dele, constituindo, todos esses elementos juntos, a totalidade do envio missionário ao mundo. Logo, qualquer segmentação entre evangelização, discipulado e serviço perde o sentido, porque a tarefa de "fazer discípulos" abarca todas as dimensões da fé e dura a vida toda, num estado permanente de relacionamento de dependência e aprendizado de Jesus e com a comunidade de fé.

Convém ressaltar, ainda, a tarefa de ensinar que, conforme Mateus, significa "guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". Em vários se-

tores da igreja universal tem-se enfatizado o velho slogan de que a nossa tarefa é levar "o Evangelho todo ao mundo todo e à pessoa toda". Creio que a crescente igreja evangélica na América Latina deveria cerrar fileira com este slogan, enfatizando que a nossa evangelização deve estar a serviço de um Evangelho que afeta a pessoa em todas as áreas da sua vida. Isto significa que a propagação do Evangelho tem um forte colorido coletivo; é individual, mas tem uma inerente dimensão social; é uma mensagem de conforto, mas demanda um claro compromisso ético; desencadeia uma espiritualidade terapêutica, mas conduz a um inequívoco pacto com a justiça; produz igreja, mas uma igreja que deve estar concretamente enraizada na comunidade global dos seres humanos e na busca por uma vida justa e digna para todos. Quanto mais estivermos ao serviço deste Evangelho integral que afeta todas as áreas da vida, tanto mais estaremos ao serviço do Deus Trino. E esta será adoração verdadeira que, como o sacrifício de Abel, será acolhida pelos céus.

Não podemos abandonar o texto da Grande Comissão sem ouvir de novo seu final: "E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século". A esperança da presença contínua do Senhor ressuscitado constitui uma forte motivação para a nossa obediência à tarefa da evangelização mundial. A evangelização se faz na consciência de sermos abraçados por Jesus, com os nossos olhos postos na consumação. Se bem que a volta de Cristo não seja a motivação maior ou central para a evangelização, ela tem uma conotação escatológica. A evangelização, o discipulado e o serviço são marcas inequívocas de uma igreja que aguarda a volta do seu Senhor.

Esta caminhada rápida por entre os meandros da Grande Comissão nos convoca a uma experiência renovada com a obediência evangelizadora, na consciência da presença confortadora e imperativa de Jesus. O resultado desta consciência é não apenas uma evangelização a qualquer preço, mas uma evangelização com sensibilidade pastoral, escopo transcultural e alcance integral. Ou seja, é uma evangelização que leva a sério o ensino e o compromisso com todo o conselho de Deus. A evangelização, a comunidade da fé e o compromisso com o Deus Trino estão intimamente relacionados. Este raciocínio tem uma sólida base bíblica e deveria colocar uma pá de cal sobre qualquer tentativa de se reduzir o Evangelho a uma dimensão verticalista e intimista e/ou sobre uma eventual ausência da necessidade imperativa de uma evangelização a serviço do Reino de Deus.

Mateus 28:16-20 em diálogo com João 20:21 e Lucas 4:18-19

A redescoberta da centralidade de Lucas 4:18-19 no ministério de Jesus e suas conseqüências para a missiologia contemporânea tem sido um fenômeno de grande relevância para a vida eclesial na América Latina, nestas últimas décadas. O texto de Lucas, o assim chamado "programa de Nazaré", tem sua relevância derivada não apenas por expressar o cumprimento de uma expectativa messiânica alimentada por gerações

no seio do povo de Israel, mas também pela forma como esta expectativa messiânica foi cumprida em Jesus e pelos parâmetros que ele estabeleceu para a nossa prática missionária.

Com a leitura programática de Isaías 61:1-2, Jesus assume claramente a tradição veterotestamentária que enxergava a expectativa messiânica sob a ótica do servo sofredor. Jesus encarna esta expectativa e, de forma coerente, sistemática e cotidiana, concretiza-a no decorrer do seu ministério. Essa sua *messianidade,* reveladoramente escondida na sua vida e ministério de servo, tornou-se alegria para uns e desespero para outros. Entre as muitas facetas espelhadas neste ministério sobressaem aquelas que carregam a marca maior da dor, do sofrimento e da necessidade:

> *O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor (Lc. 4:18-19).*

Esta inter-relação modelar entre a missão de Jesus e a missão da igreja é a nota particular e distintiva da Grande Comissão segundo o Evangelho de João.

O irromper do "ano aceitável do Senhor" ocorre na concretização dos sinais do reino semeados pelo próprio Jesus: esperança para os perdidos, abraço para as crianças, aceitação para os marginados, libertação para os oprimidos, cura para os enfermos, dignidade para as mulheres, alcance aos gentios (as etnias do mundo inteiro). O Reino tornou-se realidade presente e palpável na vida e ministério de Jesus; os seus receptores não eram os tradicionais intérpretes da tradição e da intuição religiosa, mas, sim, o demoniado que foi liberto, Zaqueu que experimentou a salvação, o coxo que agarrou sua cama e saiu saltitando feliz, o centurião estrangeiro que reconheceu a autoridade universal de Jesus. O Reino ganhou as ruas, explodiu as tradições, despediu vazios os ricos e convidou para a celebração da vida aqueles que pareciam condenados a amargar o infindável círculo da morte. O Reino é a vida e a vida caracteriza o Reino; tudo isto somente é possível por causa de Jesus e em nome de Jesus.

Jesus colocou esta vivência e compreensão do ministério como modelo para a igreja no exercício da sua missão. Esta inter-relação modelar entre a missão de Jesus e a missão da igreja é a nota particular e distintiva da Grande Comissão segundo o Evangelho de João. Isto é evidente tanto na versão expressa antes da ressurreição, tanto no contexto da oração sacerdotal (Jo. 17:18), quanto depois dela: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo. 22:21). John Stott argumenta que a Grande Comissão segundo João é a sua "versão fundamental", ainda que "a mais ignorada, por ser a mais custosa ou a mais difícil". Stott é incisivo no seu argumento:

> *De forma deliberada e precisa [Jesus] colocou a sua missão como modelo para a nossa quando disse: "Assim como o Pai me enviou, assim também eu vos envio". Conseqüentemente, deduzimos a nossa compreensão da missão da igreja da nossa compreensão da missão do Filho. Por quê? Como o Pai enviou ao Filho?*

Ao estabelecer uma clara ponte entre a missão de Jesus e a missão da igreja hoje, Stott prioriza o serviço. Como já demonstramos em outro lugar, o serviço é uma decorrência inevitável da encarnação que leva a igreja ao

caminho dos mais pobres e necessitados, como Jesus o fez, inclusive programaticamente, a partir de Lucas 4:18-19. Stott traça a inter-relação entre a evangelização e a ação social da seguinte forma:

> *Tratei de demonstrar que a forma joanina da [Grande Comissão], segundo a qual a missão da igreja deve modelar-se na [missão] do filho, traz implícita a idéia de que somos enviados ao mundo para servir e que o serviço humilde que prestaremos abrangerá, assim como se deu com Cristo, tanto palavras como obras, preocupação pela pessoa e pela enfermidade tanto do corpo como da alma; em outras palavras, [implicará] tanto a atividade evangelizadora como a [atividade] social.*

Se lermos a Grande Comissão de Mateus em conjunto com a de João entenderemos e nos apropriaremos de Lucas 4:8-19 sob uma nova perspectiva. Mateus, Lucas e João são todos irmãos e estão a serviço de uma mesma causa: seguir, no espírito e na perspectiva da missão, as pegadas do mestre da Galiléia.

Conclusão

A Grande Comissão nos convida e desafia para a evangelização de forma individual e comunitária. Ademais, essa evangelização tem um caráter universal e descortina, aos olhos da igreja, um mundo cujas múltiplas fronteiras devem ser trabalhadas com a palavra e a vivência do Evangelho. Ao colocarmos essa evangelização na sua base trinitária, ganharemos em solidez bíblica e estaremos no rumo de uma prática missionária que consegue posicionar-se num mundo criado por Deus e carente de justiça.

A evangelização desemboca no discipulado e este, na evangelização. O discipulado não é opcional; é um processo fundamental para qualquer vivência cristã que pretenda ser fiel ao Senhor que envia e que queira crescer no aprendizado de "guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt. 28:20). Ademais, o discipulado visa à edificação comunitária e não consiste apenas num programa de mera capacitação cristã individual.

É preciso não esquecer a presença do batismo na Grande Comissão. Com ele se mantém a nota eclesiológica em harmonia com a melodia do discipulado. Ou seja, se o discipulado edifica a comunidade, o batismo sela a integração do indivíduo no seio da comunidade de fé, a igreja de Jesus Cristo. E, não por último, deve-se destacar que a Grande Comissão inteira encontra sua razão de ser no ressuscitado, cuja presença constante é a fonte da vida e da esperança que alimentam a caminhada da obediência "até à consumação do século" (Mt. 28:20).

